

Os presentes do povo miúdo

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um alfaiate e um ourives viajavam juntos e, certa noite, depois que o sol se pusera atrás das montanhas, ouviram ao longe uma música que se tornava cada vez mais nítida. Soava de um modo incomum, mas tão agradável que os dois se esqueceram de todo o cansaço e apressaram o passo. A lua já tinha nascido quando chegaram a uma colina, onde viram muitos homenzinhos e mulherzinhas que, de mãos dadas, rodopiavam numa dança com a maior alegria e animação. Cantavam da maneira mais doce, e era aquela a música que os viajantes tinham ouvido. No meio estava sentado um velho, um pouco maior que os outros, com um casaco de muitas cores e uma barba cinzenta como gelo que lhe caía sobre o peito. Os dois pararam, cheios de espanto, e ficaram olhando a dança. O velho acenou para que entrassem, e o povo miúdo abriu prontamente a roda. O ourives, que tinha uma corcova e era bastante atrevido, como todos os corcundas, aproximou-se. O alfaiate sentiu certa timidez a princípio e ficou para trás; mas, ao ver tanta alegria, tomou coragem e foi atrás dele. Logo a roda se fechou de novo, e os pequenos continuaram cantando e dançando com os saltos mais desvairados. O velho, porém, pegou uma faca larga que trazia presa ao cinto, afiou-a e, quando estava bem afiada, olhou para os estrangeiros. Eles ficaram com medo, mas não tiveram muito tempo para pensar: o velho agarrou o ourives e, com enorme rapidez, raspou-lhe completamente os cabelos e a barba; em seguida, fez o mesmo com o alfaiate. Mas o medo dos dois desapareceu quando o velho, ao terminar o serviço, lhes deu amistosamente uma palmada no ombro, como se quisesse dizer que tinham feito bem em deixar que tudo acontecesse de boa vontade,

sem resistir. Apontou com o dedo para um monte de carvão que havia ao lado e lhes indicou por gestos que deviam encher os bolsos com ele. Os dois obedeceram, embora não soubessem para que lhes serviria aquele carvão, e continuaram o caminho à procura de um lugar para passar a noite. Quando chegaram ao vale, o sino do mosteiro vizinho bateu meia-noite; no mesmo instante o canto se calou, tudo tinha desaparecido, e a colina ficou solitária ao luar.

Os dois viajantes encontraram uma hospedaria e, deitados na palha, cobriram-se com os casacos; mas, de tão cansados, esqueceram de tirar antes o carvão dos bolsos. Um peso forte sobre os membros os acordou mais cedo que de costume. Meteram as mãos nos bolsos e não quiseram acreditar nos próprios olhos ao ver que não estavam cheios de carvão, e sim de ouro puro. Felizmente, os cabelos e as barbas também tinham voltado, tão fartos quanto antes. Agora eram homens ricos; mas o ourives, que, de acordo com sua natureza gananciosa, enchera mais os bolsos, tinha o dobro do alfaiate. Quem é ganancioso, quando tem muito, quer ainda mais; por isso o ourives propôs ao alfaiate que ficassem mais um dia e voltassem à noite para buscar tesouros ainda maiores com o velho da colina. O alfaiate não quis e disse:

— Tenho o bastante e estou satisfeito. Agora vou me tornar mestre, casar com meu agradável objeto — como chamava sua amada — e ser um homem feliz.

Mas, para fazer a vontade do companheiro, concordou em ficar mais aquele dia. À noite, o ourives pendurou nos ombros mais algumas bolsas, para poder recolher bastante, e tomou o caminho da colina. Encontrou, como na noite anterior, o povo miúdo cantando e dançando; o velho tornou a raspá-lo e lhe fez sinal para levar carvão. Ele não hesitou em meter nos bolsos tudo o que coubesse, voltou para a hospedaria felicíssimo e se cobriu com o casaco.

— Mesmo que o ouro pese — disse —, vou aguentar.

E por fim adormeceu, com a doce antecipação de acordar na manhã seguinte como um homem riquíssimo. Quando abriu os olhos, levantou-se depressa para examinar os bolsos; mas qual não foi seu espanto ao tirar deles apenas carvão preto, por mais vezes que metesse as mãos ali! “Ainda me resta o ouro que ganhei na noite anterior”, pensou, e foi buscá-lo. Mas como se assustou ao ver que ele também tinha virado carvão outra vez! Bateu a mão coberta de pó preto na testa e sentiu que toda a cabeça estava tão calva e lisa quanto o queixo sem barba. Mas sua desgraça ainda não tinha terminado: só então percebeu que, além da corcova nas costas, tinha lhe crescido outra do mesmo tamanho na frente, sobre o peito. Reconheceu nisso o castigo de sua ganância e começou a chorar alto. O bom alfaiate, que acordou com aquilo, consolou o infeliz o melhor que pôde e disse:

— Você foi meu companheiro de viagem; vai ficar comigo e viver também do meu tesouro.

Ele cumpriu a palavra, mas o pobre ourives teve de carregar as duas corcovas pelo resto da vida e cobrir a cabeça calva com um gorro.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-presentes-do-povo-miudo>